

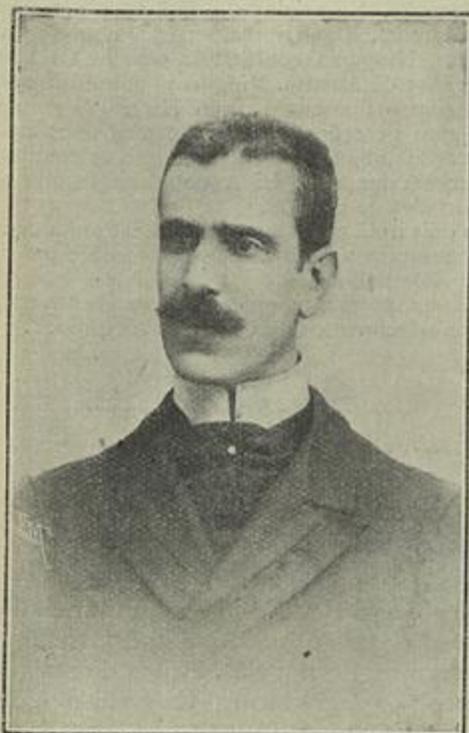
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. o n.º	N.º a entrega	37.º Anno—XXXVII Volume—N.º 1282	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 24
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 de Agosto de 1914	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

Concurso literario promovido pela comissão do Centenario da Guerra Peninsular



MAJOR DE ARTILHERIA
J. J. TEIXEIRA BOTELHO
Professor do Collegio Militar



CORONEL JOSÉ CESAR FERREIRA GIL
Director do Collegio Militar



PRIMEIRO TENENTE DA ARMADA
JOAQUIM ANSELMO DA MATTA OLIVEIRA

1.º Major de Artilheria, J. J. Teixeira Botelho, pela sua obra manuscrita «Historia Popular da Guerra Peninsular», premio de 1:000\$.

2.º Coronel sr. José Cesar Ferreira Gil, pela sua obra impressa «A Infantaria Portuguesa na Guerra da Peninsula», premio de 500\$.

3.º Primeiro tenente da Armada, sr. Joaquim Anselmo da Matta Oliveira, pela sua obra manuscrita «O poder maritimo na Guerra da Peninsula», premio de 300\$.

Menções honrosas aos srs. coronel de serviço de estado maior Victoriano José Cesar, tenente da Administração militar Manuel da Costa Dias, tenente de Infantaria Fernando Braga Barreiros, capitão de cavalaria e do serviço do estado maior Antonio Mario de Figueiredo Campos, tenente de infantaria Fernando Braga Barreiros e Francisco José Rocha Martins.

Dia 19 de julho, reunio na sala da Academia das Sciencias de Lisboa a Comissão do Centenario da Guerra Peninsular, em sessão solemne, para entrega dos premios do Concurso litterario promovido pela mesma Comissão. Presidiu Sua Ex.ª o Chefe do Estado acompanhado pelo sr. Presidente do Ministerio, completando-se a meza com os srs. Dr. Silva Amado, presidente da 1.ª classe, General Rodrigues da Costa, presidente da Comissão e major Amilcar de Castro Abreu Motta, secretario do jury.

O sr. General Rodrigues da Costa fez a resenha do que fôra a guerra peninsular e dos trabalhos da Comissão do Centenario, referindo-se por fim ao Concurso litterario, solicitando de Sua Ex.ª o Chefe do Estado, Sr. Dr. Manuel d'Arriaga, a honra de distribuir os premios conferidos pelo jury, a saber:

CRONICA OCCIDENTAL

Em verdade, mal esperavamos nós que viessem a ter a breve trecho tão precisa confirmação as palavras exaradas na cronica ultima desta Revista.

De longe, bem que mal, se poderia, é certo, observar, que as relações internacionais multiplas iam tomando aspectos novos, menos que tranquilisadores. Entretanto, a enormidade do facto-fantasma que se avisinhava, sustava de panico todas as previsões...

Podia lá ser!

Uma conflagração europeia seria um pesadelo, a mais, de neurastenicos. Derruisse tudo em cacos pelo ar um terramoto formidando, afogasse a terra num abraço de morte a colera torva do mar, caísse a flux sobre o planeta uma chuva fulva de cinza e fogo — podíamos sem duvida acreditar-o. Mas — que fosse o espirito humano a atear o incendio imenso que nos abrazaria a todos irremediavelmente ou fosse a mão do homem a cavar de arranco o sorvedoiro que nos abismaria, a breve trecho, sem esperanças, — parecia-nos fantasia lugubre ou preludio de dansa macabra. Uma conflagração europeia seria um pesadelo, a mais, de neurastenicos. Jamais se tornaria realidade consumada o sonho mau. Bem-dita a lufada fresca de aurora que dele nos despertasse...

Podia lá ser!

Infelizmente, assim é. Tudo nos leva a crer que estamos em vespersas dum dia de carnificina hedionda. A' hora que escrevemos, a imprensa de todo o mundo alastra sobre as almas uma tinta negra de infortunio. Oxalá que estas palavras soassem aos ouvidos dos nossos leitores já em dias melhores, sendo uma ficção parvoa a guerra da Europa e desaparecido de vez de todo o horizonte o avião sombrio do presagio.

Todavia, hemos de fitar bem de frente a realidade que nos fala de morticinios, incendios, bombardeamentos e derruições. E o que é certo é que ainda não conseguiram apagar o grande brazeiro as lagrimas já choradas pelas noivas ou mães dos beligerantes. E o que é certo é que ainda não conseguiu deter a catástrofe esta humanidade, amarfanhada de sofrimento, mal refeita de assombro, que presencia o desenrôlo dos acontecimentos.

Inicia-se a pratica fria da estrategia. Aprestam-se os instrumentos modernissimos de guerra. Utilisa-se a sciencia como arma de exterminio. Mais uma vez se demonstra a verdade biblica: afinal, a arvore da sciencia do bem e do mal — é uma arvore de morte.

E tudo isto nos faz de relance pensar naquella profecia de Huzar: o fim do mundo pela sciencia...

Em verdade, mal esperavamos que as palavras da nossa cronica ultima viessem a ter, hoje, tão precisa confirmação. Assim, as nossas palavras fôram lutosamente sublinhadas pelos acontecimentos recentes. O pacifismo é agora, como será ainda amanhã, uma ilusão de bem-intencionados. Nunca nos iludimos sobre as consequências praticamente efectivas das assembleias de Haya.

Emquanto no recente congresso socialista se discutiam as moções relativas á greve geral obreira com o fim de preve-

nir o monstro hiante da guerra, as chancelarias das potencias talvez sorrissem ironicamente...

A luta seria para breve. E os tempos encarregar-se-iam por seu turno de falar. E hoje falam pela bôca formidanda e rouca dos canhões. Preconisava-se fervorosamente o desarmamento universal. Ilusão!

Qual seria a potencia que adiantasse passo nesse sentido sem adivinhar prejuizos irremediaveis? Ninguem ignora a teoria — que é a rude pratica — do chanceler de ferro. Ecôam ainda terrivelmente aos nossos ouvidos as palavras de Bismarck ditas a Julio Favre. Pésa ainda sobre a consciencia dos governos fortes essa disciplina férrea de que é useira e vezeira a casa dos Hohenzöllern.

La force prime le droit.

As grandes potencias continuaram a votar, como dantes, mais do que dantes, verbas consideraveis destinadas á aquisição de armamento. Alguem afagava meigamente a esperança de que esse proprio armamento, mais e mais forte, mais e mais abundantemente, até ao exagero, adquirido, impuzesse e mantivesse a paz universal.

Se não — a conflagração, a catástrofe, a hecatombe... Ilusão...!

Os tempos falam hoje pelas gargantas das metralhadôras.

A guerra europeia esboça-se longinquamente. Vai minando surdamente o solo um rastilho de exterminio... Basta que um incidente surja, e o mundo explodirá terrivelmente.

ANTONIO COBEIRA.



Educação e Instrução

Outr'ora, as amas chinezas modelavam uniformemente a massa craneana dos recém-nascidos. Pretendiam refundir num molde comum e ra-soirar, assim, ao nível duma generalidade artificiosa, os traços salientes da individualidade.

Nós, que nos arripiamos de pavôr, só de lembrar-o, não podemos deixar de conceber que, elevado a simbolo, esse processo absurdo representaria ainda hoje com propriedade os nossos métodos de cultura intelectual e moral.

Na verdade, os nossos melhores educadôres e professôres mais atilados, ainda não tomaram em devido pêsso o elemento — individualidade — que alcança desmedidas proporções e varia infinitamente de raça para raça, de familia para familia, de sêr para sêr. Quanto mais a observação se exercita e afina, tanto mais nitidamente surpreende a prodigiosa variedade que vae de individuo para individuo.

Pascal distinguu duas especies de inteligencias. O espirito de finura aprofunda as consequências dos principios. O espirito de geometria abrange um grande numero de principios sem os confundir.

Mas a simplicidade desta divisão larguissima faz-nos sorrir ligeiramente; porque logo imaginamos o numero indefinido de matizes que esta divisão, em si, admite. A observação é bem facil.

Na natureza, as coisas diferem, umas das outras, infinitamente. Só a nossa vista imperfeita pode igualisal-as. A um olhar idealmente organizado, duas simples gôtas de orvalho apresentariam diferenças notabilissimas. A variabilidade é uma lei suprema do mundo. Certamente, acima desta lei ha o principio incontestavel da unidade, sem o qual a nossa razão esbarra no cáos.

Mas as coisas são o que são, não pelos seus caracteres comuns, mas pelos caracteres que as distinguem precisamente. Não é nosso intento alevantar sobre este tema um vôo de metafisica arrojada. Não necessitamos de saber neste momento, se os sêres partiram da homogeneidade confusa, para a heterogeneidade coordenada — como pretende Spencer. Não é nossa ambição agora

explicar como as mónadas de Leibnitz safram duma harmonia preestabelecida e se desenvolvem paralelamente entrepenetrando-se mutuamente e incessantemente.

E'-nos indiferente que a ordem seja mais o resultado do que o principio de actividade dos elementos — como Tarde opina. Nós colocamo-nos num ponto-de-vista da realidade imediata e reconhecemos que a individualidade é o *abstractum* de todas as coisas.

Dois objectos ocupam situações diferentes no espaço e por isso inevitavelmente são diferentes. Ha um fio subtil que os liga e irmanisa? Talvez. No entanto, desde que ocupam posições diferentes no espaço são individualidades irreductiveis, seguem vias diversas e guiam-se por leis que não são precisamente as mesmas. A lei é uma abstracção e é universal e eternamente exacta na região especulativa. Transponham-na para as condições da vida fenomenal e ela tornar-se-á contingente. Boutroux demonstrou-o nitidamente, em paginas de Mestre (*LA CONTINGENCE DES LOIS DE LA NATURE* — ed. F. Alcan).

Do mesmo modo, para nós, a individualidade é a substancia da personalidade. A raiz da pessoa é a individualidade. Roehrich dá exemplo esclarecedôr. Examinemos um trôço enormissimo de homens que desfilam em marcha militar. Dir-se-ia que as unidades se confundem no todo, o soldado nada é, e todas as individualidades se fundem na individualidade do comandante. Ilusão de miope! Cada soldado tem a sua fisionomia, compleição fisica e mental, ideias proprias, e sentimentos. Finalizado o tempo do recrutamento, cada um regressa á terra de sua escolha, abraça a sua familia e exerce a sua profissão.

Que não diremos nós de dois espiritos que se comparem?...!

A diversidade é flagrante. Dada esta inevitavel deferenciação, podemos bem avaliar das conclusões preciosissimas que a pedagogia dela pode e deve tirar. O tratamento educativo dum espirito, sendo extraordinariamente complexo, é de estranho melindre. A individualidade é o dado inicial da educação. Na verdade, o individuo pertence a uma familia. Essa familia pertence a uma raça. E' certo. Ninguem confunde a casa de Orléans com a casa de Austria. Ninguem confunde o tipo basco com o tipo anglo-saxão. Ha traços geraes que ligam gerações. Mas avancemos mais uma observação diligente e veremos que os contrastes surgem incoerciveis. A nebulosa resolve-se em miriades de estrelas.

Em dois irmãos gêmeos que um estranho confunde sempre, a mãe carinhosa descobre oposições e dissemelhanças.

E' a isto, porém, que menos se atende nos nossos estabelecimentos de educação e ensino...

A.



Livros novos

Sombras do Pudor — por Almachio Diniz.
Livreria Brasileira

Recebemos dos Editôres um livro assim intitulado que é uma colecção, devêras interessante, de novelas. Antes de mais — cumpre-nos agradecer. Relemol-o com agrado. E, até, podemos confessal-o, no decurso duma leitura absorta, levado irresistivelmente na magia do seu estilo, achamos encanto na locução de certos exotismos brasileiros que doutro modo seriam insuportaveis aos habitos da nossa critica.

Fumegantes de febre, estesiadas de nevrose, varias das suas novelas têm eco no segredo de nosso coração e evocam num apelo de carinho a nossa comovida simpatia. A novela — *Trevas d'alma* — que transcrevemos gostosamente, em outro lugar, nas colunas do OCCIDENTE, é uma peça literaria correta, tocada de melindres, que em nós ençontra, a recordál-a ainda, o mais enternecido carinho. Em outras paginas do livro, erguem-se, por vezes, tambem, sugestões de ironia que não fere, nem irrita, mas acaricia suavemente.

ANTONIO COBEIRA.

TICIANO



O homem da gorra vermelha

Por certo são deveras curiosos os passos de aventura sucedidos a este celebre quadro de Ticiano. Trazido d'Italia em 1773 por Mr. Methuen. Vendido á casa de Christie por 91 guineus em 1876. Em 1906 Sir Hugh Lane comprou-o por 2100 guineus. Vendido a Mr. Grenfell por 30:000 libras. Recentemente Sir Hugh Lane tornou a adquirir-o por 13 000 guineus.

FEBRE

A Antonio Cobeira

Fu tenho sêde, mãe... dá-me luar...
Quero beber a lua no teu seio...
Que medo mãe... Eu só me vejo ao meio...
Para que é que deitaste o resto ao mar?
Lá está o sol olhando para mim...
Apaga-o mãe... que chovem de lá côres...
(Molham-me de oiro) e diz tambem ás flôres
Que não chirreiem tanto no jardim...

Os meus olhos são chagas dolorosas
A escorrer luz... O' mãe, vem-m'as fechar...
A minha alma rasga-se em meu rosto!

Voam para o meu peito algumas rosas...
Satanaz dentro em mim põe-se a rezar...
Não sei se estou ardendo ou se é sol posto...

26-6-914

ANTONIO FERRO.

PELO MÚNDO FÓRA

O famoso *processo Caillaux*, teve ha poucos dias o seu epilogo, sendo absolvida a esposa do ex-ministro *José Caillaux*, a qual, como aqui se disse, assassinou, no seu gabinete de trabalho, o director do *Figaro*, sr. *Gastão Calmette*, em 16 de Março ultimo.

A agitação produzida em Paris durante o desenrolar dos factos respeitantes a este vergonhoso caso não tem similar nos annos judiciaes. Desencadearam-se as mais acerbas paixões politicas; explodiram odios; a moral foi offendida. Emfim, um escandalo, defendido e exaltado por uma politica ultra-radical, que tem por chefe o sr. *Caillaux*, cujo dominio se exerceu abertamente em todo o tribunal não excluindo o proprio presidente, sr. *Albanel*.

Politicos de prestigio, como os srs. *Barthou*; litteratos de valor, como *Paul Bourget* e *Henri Bernstein*, jurisconsultos eminentes,



GUILHERME II — IMPERADOR DA ALEMANHA

Chenu, advogado da parte civil, e o sr. *Labori*, o celebre advogado de *Dreyfus*, e agora o advogado de *madame Caillaux*, são por vezes assaltados pela idéa de duello, que teem de abandonar, para que a ignominia não vá tão longe.

Não se provou o homicidio voluntario nem a premeditação, sendo posta em liberdade *madame Caillaux*. Alguns medicos não duvidaram afirmar que a morte de *Calmette* foi devida á impericia dos collegas, que o soccorreram.

O *Figaro*, em artigo de fundo, disse:

«O maior encandalo da nossa epocha, acaba de cobrir de lama e de sangue a republica radical.

«Os magistrados que prestaram o seu concurso, mais ou menos caramente assalariados á abominavel parodia de justiça ennodaram-se por forma inapagavel. A noticia da absolvição o povo de Paris bramiu de vergonha, de cólera e de asco.

«O que é preciso dizer agora, bem alto, é que hoje, um homem poderoso, rodeado de partidarios que elle subvenciona (*Caillaux* é *millionario*), ligado ao partido politico que se encontra no poder, está acima da justiça e das leis.

«A absolvição de *M.^{me} Caillaux*, foi *Caillaux* quem a exigiu, á frente do seu bando, percorrendo o palacio da justiça com o azorrague na mão e o revolver na algibeira.

«As audiencias do tribunal foram presididas por *Caillaux* em pessoa, fazendo signal ao presidente *Albanel* para interromper a sessão quando occorriam incidentes que lhe eram desagradaveis, prohibindo leituras a *M.^{me} Gueydan* (a primeira mulher de *Caillaux*) e aos amigos de *Calmette*, interrompendo as testemunhas, transformando, emfim, o tribunal numa feira, comprando e pagando consciencias.

«*Caillaux* forçou os archivos do registo, commetteu a suprema infamia, a infamia unica a que o seu nome ficará vinculado: o roubo do testamento do homem assassinado pela sua mulher!

«A absolvição de *M.^{me} Caillaux* é o crime e os criminosos de futuro senhores da França, com direitos a forçar fechaduras, a escolher os seus juizes, a assassinar quem se opponha ao triumpho dos nossos superiores e á exploração do paiz.

«*Caillaux* é o chefe d'um terror novo. E' o chefe do partido radical. Affirma-o *Ceccaldi*. E' o chefe do partido radical que o jury e os magistrados não quizeram marcar a fogo pela justa condemnação de uma criminosa.

«Prepararam-lhe um ingnobil triumpho, que lhe ha-de custar caro quando a consciencia francêsa acordar.»

Este formidavel debate, de que ficou mal ferida a honra politica de França, ia, como se vê, cavar ainda mais fundo o abysmo de ha muito existente entre avançados e conservadores.

O ministerio *Viviani* fortalecia-se com a viagem triumphal do *Presidente Poincaré* a *São Petersburgo*, retribuindo a visita do *Czar Nicolau*. Os laços da *Triplíce-Entente* apertam-se ainda mais, a despeito dos olhares cubicosos da *Triplíce-Alliança*.

O sr. *Poincaré* dispõe-se a visitar, na volta a Paris, os soberanos da *Suecia*, da *Noruega* e da *Dinamarca*. Mas, o homem põe e Deus dispõe, diz o velho dictado. O presidente da Republica Francêsa apenas pôde visitar *Stockholmo*, porque a sua presença era anciosamente reclamada em Paris. Fallava-se cõfusamente em guerra europeia. A *Austria-Hungria* lançava o desafio á *Servia*. Esta tinha como protectora a *Russia*. Estava em jogo essa estupenda criação moderna a que se dá o nome de *Entente* e de *Alliança*, de cujo embate pode resultar o mais formidavel conflicto armado que o mundo jamais tenha presenciado.

Sentimo-nos verdadeiramente esmagados, cheios de assombro e de horror ao dizer que na verdade a Europa vae emfim declarar-se em guerra. De Oriente a Occidente, de Norte a Sul, do Baltico e do Mar do Norte, do Atlantico ao Mediterraneo, *Ar, Agua e Terra*, tudo tremará, tudo será destruido pelo *Fogo*, vomitado pelos potentes canhões e espingardas dos couraçados, dos fortes, dos aeroplanos, dos dirigiveis, d'esses mil inventos que o homem, sempre insatisfeito e inquieto, inventou para seu aniquilamento e para a destruição da bella obra da civilização,

cuja marcha não é tão ascendente como á primeira vista parece.

Desde ha bons vinte annos que a Europa se arma vertiginosamente para a guerra. As nações teem aggravado os seus orçamentos d'uma maneira espantosa, com o fim principalmente de augmentarem os seus meios de defeza. A França é a nação que mais sacrificios tem feito nesse sentido, attendendo ao estado precario do seu thesouro. A *Russia* desenvolve-se espantosamente. A *Allemanha* dá a todas o exemplo. Ninguem, no entanto, podia conceber que esses colossos tão cêdo haviam de arregar os incommensuraveis dentes. Puro sonho. Quando menos se esperava, echoou por toda a Europa, com retumbancia no mundo inteiro, esse grito medonho, horripilante, de... *Guerra*, não entre duas nações, mas entre sete, ou sejam: as *Triplices* e a *Servia*!

Narremos os acontecimentos.

O drama de *Sarajevo*, em que pereceram o archiduque *Francisco Fernando* e



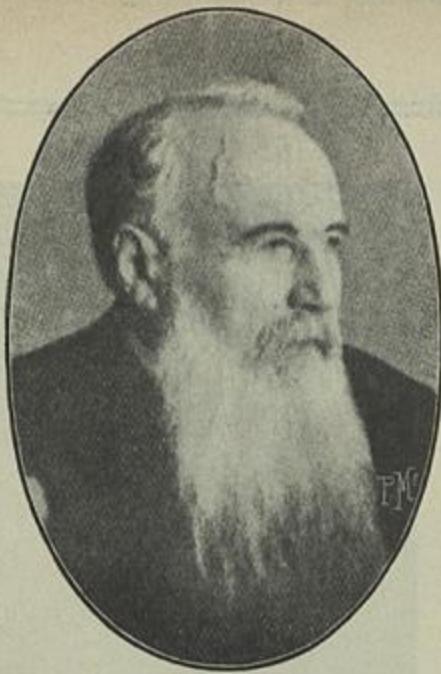
NICOLAU II — TZAR DAS RUSSIAS

sua esposa, causou, como aqui relatámos, uma profunda tensão de relações entre a *Austria-Hungria* e a *Servia*, as quaes atingiram inesperadamente um character bastante grave, que terminou pela ruptura de relações diplomaticas e por uma verdadeira declaração de guerra.

O assassinato do archiduque e da esposa determinou a origem de serias demonstrações de ardente hostilidade contra a *Servia*, até cuja capital se estendiam — segundo era opinião publica — os fios do *complot* que teve por fim a morte do herdeiro do throno austro-hungaro. O governo de *Belgrado* era accusado de favorecer mais ou menos abertamente a propaganda servia na *Bosnia-Herzegovina*, tendo a responsabilidade d'esse duplo crime.

Nada porém fazia prever as terriveis consequencias d'esse estado d'espírito, cuja justificação não podemos determinar.

O que é certo é que a 23 de Julho, ás 6 da tarde, o ministro da *Austria-Hungria* em *Belgrado*, o barão *Giesl*, entregou ao ministro interino dos negocios estrangeiros do rei *Pedro*, sr. *Patchou*, uma nota comminatoria, verdadeiro *ultimatum*, cujo tom provocou nas chancellarias um espanto profundo.



M. PATCHICH

Presidente do Conselho da Servia

Nos termos n'essa nota a Austria exigia da Servia:

1.º A publicação no *Jornal Official* de uma declaração do governo real e imperial condemnando a propaganda contra a Austria-Hungria, exprimindo o pesar de que os officiaes e funcionarios tenham tomado parte nessa propaganda, reprovando toda a tentativa de intromissão nos destinos dos povos de qualquer parte da Austria-Hungria, e ameaçando castigar severamente todo aquelle que fosse ao encontro de vontades assim manifestadas. Essa declaração devia ser levada ao conhecimento do exercito em ordem do rei, inserta no boletim militar official.

2.º Compromisso de reprimir toda a acção dirigida contra a Austria-Hungria, devendo primeiro supprimir as publicações que excitam ao desprezo ou odio á monarchia dualista e dissolver a associação nacionalista, chamada *Narodna Obrana*; e em seguida demittir os officiaes e os funcionarios culpados, no passado ou no futuro, de se terem entregado a manifestações anti-austriacas.

3.º Obrigar-se a abrir um inquerito judicial contra os auctores ou partidarios do

complot de 28 de Junho (os assassinos de Sarajevo).

Finalmente, o governo imperial e real reserva-se o direito de dar os nomes dos incriminados dignos de punição, exigindo que da Commissão d'inquerito fizessem parte certos funcionarios austriacos.

Dava ao governo servio 48 horas para deliberar, isto é, até ás 6 da tarde de 25.

Esta nota cahiu como um raio no meio diplomatico, causando indizivel espanto, principalmente em Paris e Londres.

A' hora d'esse *ultimatum* deixava Poincaré o solo russo, recebendo a noticia em pleno mar. Na Russia manifestava-se uma grêve monstro, de natureza a paralyser uma mobilisação eventual.

Em Londres tentava-se um esforço supremo para resolver pacificamente a questão do *Ulster*, sendo baldados os esforços do rei, e chegando a haver algumas escaramuças entre a tropa e o povo.

Parece pois que o momento foi escolhido propositadamente para lançar o logo ao rastilho, de ha muito preparado.

A Servia mostrou toda a prudencia, accitando com a mais louvavel abnegação todas as exigencias formuladas na nota, excepto em dois pontos: — que lhe provassem a culpabilidade dos funcionarios e officiaes que se pretendia sacrificar e que se explicasse a fórma como os funcionarios da Austria haviam de tomar parte no inquerito, que a Servia se declarava prompta a abrir.

A resposta foi dada dentro do prazo determinado; mas... o cordeiro havia de ser vencido.

Pachitch, presidente do conselho da Servia, ao entrar no ministerio, logo apoz a entrega da resposta ao barão Giesl, recebeu o aviso em que o diplomata austro-hungaro lhe declarára que a nota não estava d'accordo com as instrucções do seu governo e que, por conseguinte, se retirava de Belgrado com todo o pessoal da legação.

Foi um assombro para toda a Europa.

A nota brutal do gabinete de Vienna foi comunicada, conforme o uso, a todas as chancellarias. No dia 24, o *conde de Szeccsen de Temerin*, embaixador da Austria-Hungria em Paris, havia-a entregado a *Bienvenu-Martin*, interinamente na pasta



CONDE BERCHTOLD

Presidente do Conselho da Austria-Hungria

dos estrangeiros, por estar ausente o sr. *Viviani*.

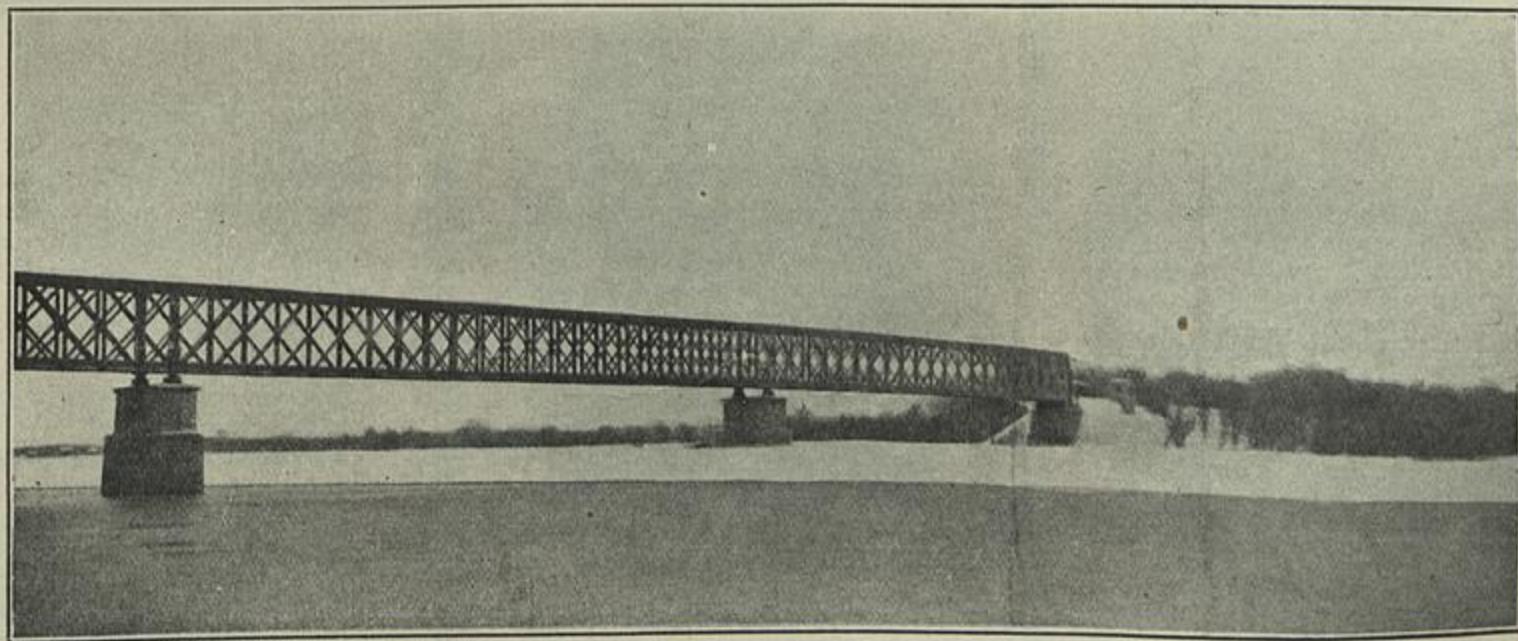
A diplomacia, refeita do espanto, procurou logo saber qual a attitude da Russia, protectora dos slavos e muito particularmente da Servia.

O governo do czar, na expectativa d'uma intervenção collectiva das potencias pediu ao governo imperial e real que adiasse por dois dias o prazo dado á Servia para a resposta á nota.

Baldado esforço. A resolução da Austria era inabalavel. Recorreu-se á Alemanha. Mas desde o inicio do conflicto se notára que o governo de Berlim era contrario a qualquer intervenção moderadora.

Em 24, o sr. Schoen, embaixador da Alemanha em Paris, apresentava-se no *quay d'Orsay* com uma nota em que se indicava que o debate devia ficar limitado a Vienna e Belgrado e não implicar com as alianças, pois que neste caso produzir-se-hiam as mais graves consequencias.

Se, no caso de hostilidades, a Russia interviesse, a Alemanha iria em apoio da sua alliada; a França, a Inglaterra e a Italia seriam arrastadas á mais formidavel guerra que o mundo poderia presenciar.

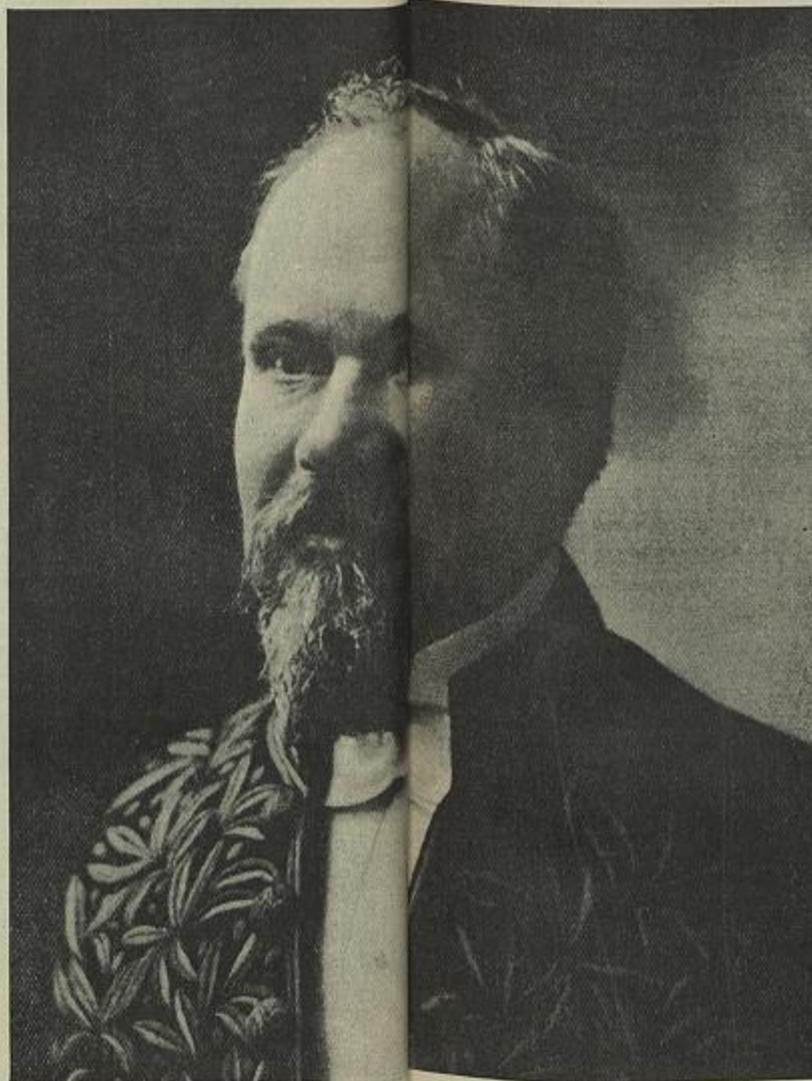


PONTE SOBRE O DANUBIO, ENTRE SERVIA E AUSTRIA-HUNGRIA, DESTRUIDA PELOS SERVIOS

Conflagração das Potencias da Europa



REI JORGE V DE INGLATERRA



PRESIDENTE POINCARÉ REPUBLICA FRANCESA



REI ALBERTO I DA BELGICA



REI PEDRO I DA SERVIA



MARIA ADELAIDE
GRÃ-DUQUESA DE LUXEMBURGO

Seria a Triple-Entente contra a Triple Alliance.

Em 25 porém afirmavam de Berlim que não havia accordo prévio entre a Austria e a Alemanha; que esta não conhecera a nota da sua aliada senão pela publicação.

As potencias começam a tomar medidas de segurança e conservação. O governo servio ordena logo a mobilização de todo o seu exercito. A côrte, o governo e a tropa saem de Belgrado para *Kragjevatz*, occupando uma excellente posição estratégica. Esta cidade é um poderoso centro militar, com arsenal e fabricas de armas e polvora. Abandonou-se Belgrado pela simples razão de estar separado da Hungria apenas pelo *Danubio*, podendo ser bombardeado, como foi, pela artilharia hungara. Os servios trataram logo de destruir a ponte de *Semlin*.

O general *Putnik*, chefe do Estado Maior da Servia é preso na estação de *Kelenfoeld*, perto de Budapest, quando ia a caminho do seu paiz, mas tratam-no cortezmente e põem-no em liberdade. O *czar* e o *kaiser* correspondem-se; surgem manifestações patrioticas na Austria e na Alemanha; em Paris os estudantes slavos manifestam-se contra a Austria; os socialistas levantam-se em toda a parte contra a guerra.

Sir *Edward Grey* suggere uma conferencia de embaixadores em Londres, mas sem resultado. Em 27 o governo de Vienna comunica a ruptura de relações diplomaticas com a Servia. O Montenegro mobilisa o seu exercito. A imprensa russa declara que «nunca a Servia nem a Russia permitirão que todo o povo servio seja tornado responsavel pelo crime de alguns e não soffrerão que se falte ao res-



RAINHA GUILHERMINA DA HOLANDA



REI NICOLAU I DO MONTENEGRO

peito aos direitos soberanos dos Estados balkanicos.» A Allemanha e a Russia fazem provisões de carvão. Começa o pânico em todas as bolsas; a concentração das esquadras; apresamento de navios servios no Danubio pelos hungaros, trocando-se os primeiros tiros.

A mobilização faz-se precipitadamente em toda a Europa. Allemães, austriacos, francezes, russos, suissos, que estão no estrangeiro, accorrem ao chamamento ás armas. A Allemanha convida a Russia a cessar a mobilização e ao mesmo tempo concentra-se em *Malta* uma esquadra inglesa.

Em 31 a Russia ordena a mobilização geral das forças do exercito e da armada, e o imperador Guilherme, em vista d'isso decretou o estado de ameaça de guerra. Cita-se o tratado de 1879 entre a Austria e a Allemanha, com estes dois artigos:

«Se um dos dois imperios alliados fôr atacado pela Russia, as duas partes contratantes são obrigadas a auxiliar-se com todas as forças militares e a só concluirem a paz de commum accordo.

«Se uma das duas partes contratantes fôr atacada por uma outra potencia, a outra obriga-se a não apoiar o atacante, mas a observar com a sua alliada uma benevolencia neutralidade. Se, porém, a potencia atacante é apoiada pela Russia, seja em fórma de cooperação activa, seja por meios militares que ameacem a atacada, então entra immediatamente em vigor o artigo primeiro e a guerra será mantida em commum até commum conclusão da paz.»

No dia 31 é assassinado num café de Paris o chefe do partido socialista francês, *Jean Jaurès*, grande tribuno, d'uma eloquencia sem igual e que se notabilizou pelos seus ideaes anti-militaristas, que, certamente, determinaram a sua morte no actual momento.

Jaurès era director da *Humanité*, onde sustentou vivas polemicas por occasião da questão Dreyfus. Collaborou numa grande *Historia Socialista*. Era grande amigo de Portugal. Esteve em Lisboa em 1911, de passagem para a Argentina, tendo assistido a uma sessão do Parlamento e visitado Cintra. Nasceu a 3-9-1859. Era sobrinho do celebre almirante francês *Benjamin Jaurès*. Foi professor de philosophia na Faculdade de Toulouse.

Doutorou-se em letras, tendo apresentado duas theses: *De la realité du monde sensible — De Primis socialismi germania livreamentis apud Lutherum, Kant, Fichte et Hegel*.

O assassino chama-se *Raoul Villain*, de 29 annos. Ao ser preso declarou: *fiz isto porque Jaurès, combatendo a lei dos tres annos, combatia a França.*

O governo francês publicou uma proclamação protestando contra o crime e appellando para o patriotismo do povo.

A perspectiva de guerra geral torna-se imminente. Os bancos elevam espantosamente as taxas de desconto. Fecham-se as bolsas. Os navios mercantes immobilizam-se em varios portos. A conflagração geral approxima-se. A declaração de guerra á Russia é um facto. O czar ordena a proclamação do estado de guerra nas aguas finlandezas.

Em 1 d'Agosto reconheceu-se que a Allemanha se vinha preparando para a guerra desde 25 de Julho, armando as suas praças fortes e concentrando a Este

de *Thionville* e de *Metz* varios corpos do exercito, e cortando communicacões com a França.

A indignação dos allemães contra a Russia é superior á que se manifestou em 1870 contra a França. Definem-se as duas grandes forças: o *pan-slavismo* e o *pan-germanismo*. Qual prevalecerá? A Italia declara-se neutral, declarando que os seus compromissos com a Triplice Alliança a prendem unicamente em caso de guerra defensiva, e que sendo a guerra da Austria apoiada pela Allemanha essencialmente offensiva, a Italia considera-se desligada dos seus compromissos. A Espanha declara que não tem compromissos com a França.

Em 2 os russos invadem a Allemanha, proximo do *Biaba* e os allemães occupam o *Luxemburgo*, marchando sobre a fortaleza francesa de *Longwy*.

O Grão Ducado de Luxemburgo foi considerado neutro pela conferencia de Londres de 1867. Tem 2.586 kilometros quadrados, 259.891 habitantes, 3 cidades, 3 burgos e 400 villas. Pertence á confederação germanica e é dependente do reino da Hollanda. E' uma monarchia constitucional e hereditaria, usufruida pela grã-duqueza *Maria Adelaide*, filha da grã-duqueza *Maria Anna*, infanta de Portugal e neta de D. Miguel I.

O nome deste grão ducado vem do do velho *castello de Luciliburgum*, adquirido em 963 por *Sigfried*, conde das Ardenas, cujos descendentes, a partir de 1120, tomaram o titulo de condes de Luxemburgo.

Feito ducado em 1354, pertencia á Espanha que cedeu uma parte á França em 1659, voltou para a Austria em 1715, pelo tratado de Utreck; em 1797 passou outra vez para a França. Pelos tratados de Vienna de 1815 foi dado ao rei dos Paizes Baixos e incorporado na Confederação Germanica. Em 1830 levantou-se com a Belgica á qual ficou unido até 1839, sendo depois reconhecido como Estado independente em 1867.

Em Agosto de 1913, o senador francês *Henry Berenger* chamava no *Matin* as atenções nacionaes para o perigo que elle designara pelo nome — *la trouée du Luxemburgo* e dizia: — *A França tão poderosamente armada, pelo menos na apparencia, na sua fronteira da Alsacia Lorena, está quasi desarmada na sua fronteira dos Ardennes e do nordeste.*

Os seus receios tiveram agora dolorosa confirmação.

Os allemães incendeiam o porto de *Li-bau* e os aeroplanos francezes bombardeiam *Nuremberg*.

As ultimas noticias dizem-nos que os allemães invadem a Hollanda e a Belgica, a Inglaterra manda retirar o seu embaixador em Berlim, o governo inglês vae ajudar a França com 100.000 homens e mandou fechar o canal da Mancha. Os allemães accusam a França de ter rompido as hostilidades.

O ministerio francês é remodelado, entrando o general *Pau* para a pasta da guerra, *Doumergne* nos estrangeiros.

O mappa da Europa está em vespervas de ser alterado. Annuncia-se o desaparecimento de nações pequenas.

O que sahirá d'esta horrivel tragedia, a que havia de assistir ainda o velho soberano Francisco José?

Annunciam-se clamores de crises finan-

ceiras em toda a parte, com ameaça de fome.

Vinte milhões d'homens vão entrar em lucta gigantesca, cyclopica, horrenda!

Esquadras sulcam os oceanos e costas promptas a despedaçar-se. A superioridade da Triple-Entente é manifesta, tanto em numero de unidades como na qualidade da artilharia.

A Allemanha violou a neutralidade da Belgica, Hollanda, Suissa e Luxemburgo. No dizer do sr. Bethmann Hollweg, chanceler do imperio, a violação da Belgica era uma necessidade para o ataque á França e fallou dos embustes da diplomacia russa, falta de palavra do ministro da guerra do czar e da nunca desmentida lealdade e fidelidade da Austria. O *Kaiser* disse que o povo allemão procede em legitima defeza. Os socialistas allemães estão com o exercito.

Os allemães fuzilam 17 alsacianos que querem attingir a fronteira da França.

O Parlamento francês acolhe delirantemente a mensagem presidencial, com aclamação á Triple Entente.

Gustave Hervé, encarniçado anti-militarista, offerece-se para combater nas fileiras francezas.

A declaração de guerra da Inglaterra á Allemanha é feita no dia 4 á noite, iniciando-se logo violentos combates navaes. A declaração nasceu da violação da neutralidade da Belgica. O governo é transferido de Bruxellas para Antuerpia. O rei Alberto faz uma exhortação ao exercito.

Em *Spa* são derrotados dois regimentos de uhlanos. Os allemães bombardeiam *Liège* e põem *Argenteau* a arder.

Os allemães são derrotados em *Nancy* e em *Villers-la-Montagne*. *Bône* é bombardeada pelos allemães.

No *Mar do Norte* dá-se um formidavel combate entre as esquadras allemã e inglesa, com serias perdas d'ambas. Comanda a esquadra inglesa o almirante *Fellicoe*.

A canhoneira allemã *Panther* foi ao fundo perto das *Canarias*.

Austriacos e servios luctam encarniçadamente. A ponte de *Semlin* foi completamente destruida.

As nações fazem as suas reservas monetarias para uma guerra sem igual na Historia. Appellam todas para o Deus dos exercitos!

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Um bello ideal

Se acaso eu fora poeta, e como os poetas
Tivesse da minha alma a idolatrada,
De tranças de ouro fino, e á flor do rosto
Dois astros de saphira delicada.

De labios de rubis, dentes de perolas,
O colo de alabastro, alvo de neve,
Do mais claro marfim as mãos e os hombros,
Tumido o seio do setim mais leve;

De taes riquezas feito se a tivera
Não era p'ra ficar absorto e cego,
Ninguém pensasse que a poria em verso
Guardava-a para um dia a por no prégo.

NEMO.

«Camões depois do Naufragio»

Folhas soltas

A força da crença

Pelo que lemos nos jornaes e nas revistas catholicas sobre o Congresso eucharistico de Lourdes, passa pela nossa mente, n'uma successão de imagens sagradas, todo aquelle deslumbramento de Fé catholica.

Alli na cidade da Virgem Immaculada, reuniram-se uns poucos de dias milhares e milhares de pessoas de todas as cathogorias sociaes, vindas de diversos paizes do mundo.

Ao lêrmos essas chronicas descriptivas, verdadeiras apothoses da Fé em Christo, sentimos as nossas almas de crentes elevarem-se n'um crescendo de Ideal catholico e transportar-nos em mente áquelles santuarios sagrados tantas vezes regados pelas lagrimas de alegria de milhares de entes que encontram nas orações á Virgem o unico balsamo de conforto ás suas cruéis dôres.

N'aquelles lugares tão cheios de santidade, vemos a imagem clara e nitida, o authentico prestigio da Egreja, o invensível poder da religião.

Milhares de almas, formaram alli uma formidavel muralha de fé christan e d'aquelles colossaes hymnos a Deus, nasceram orações sinceras, desde a criancinha, que apenas adivinha frouxamente o que se passa, até ao homem coberto de cans perfeitamente consciente de tudo que o rodeia.

Todos aquelles canticos ao Santissimo, repercutiram-se por toda a parte, desde a aldeia mais humilde até á cidade mais importante!

E a França, consentindo em um tal congresso, deu a todo o mundo um nobre exemplo de ampla liberdade e um comovente respeito pela Crença e pela Fé. Bem haja!

N'este seculo em que a religião é para alguns *espíritos fortes* uma especie de phantasma, apothoses como esta de Lourdes revelam a toda a humanidade quanto vale a vida espirital, a força da crença!

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



ESCULTURA DO SR. FERNANDES DE SÁ

Vinte de julho de 1904, tal o titulo que antepuhamos a um artigo nosso, publicado nas paginas do OCCIDENTE, apreciando uma escultura do sr. Fernandes de Sá—nome então muito favorecido pela critica, representativo dum talento já revelado em obras-de-arte — *Beijo materno* e *Rapto de Ganimedes*—premiadas no Salon e na Exposição Universal de Paris de 1900. Mal diriamos nós que essa estatua — *Camões depois do Naufragio* — nesse momento, noticiada e elogiada, ainda viria a sêr, depois de adquirida pelo Museu de Artilharia, posta em almoeda ao publico da capital. Entanto, é um facto incontestavel. O noticiario das gazetas nol-o confirma dia a dia. O nosso olhar, estremunhado de espanto, demora-se nessa noticia, fixa-a, não querendo ainda ligar-lhe a significação verdadeira. Comtudo, não ha duvida. Surgem protestos de indignação. Comentar-se-ia acremente aquella resolução insolita. A Sociedade Nacional de Belas Artes reunindo-se em assembleia geral, teve ocasião de censurar devidamente o intento da direcção do Museu de Artilharia. Isto é, vem em impugnação energica a solidariedade digna dos artistas. Na realidade, será consumada, em breve, apesar de tudo, a

intenção primeira da direcção desse Museu?... Esperemos.

Creemos bem que se oporá intransigentemente a colectividade dos cultôres da arte portugûesa assim atingida.

Entrementes, sempre seria de utilidade para nós e para o leitôr a quem informariamos de bom grado diligentemente, que nos indicassem precisamente as causas que levam irremediavelmente a pôr em leilão a estatua de *Camões*... Esperemos.

O facto provoca comentarios desrespeitosos.

A escultura é má? Indigna dum logar no Museu de Artilharia? Em todo o caso, fica desairo-samente equivocada a situação daqueles que houveram por bem adquiril-a. E qual não será a magoa, o desconforto, a amargura desse pobre artista — autôr da estatua — que, chegado quasi ao primeiro degrau do Capitolio, se vê, de subito, transportado á rocha de Tarpeia? ..

E, afinal, mais digno de lastima, nos parece *Camões* que só perpetrôu o crime de ter salvo do naufragio a brochura informe dos *Lusiadas*, para assim, hoje em dia, andar em pancas nas mãos dos licitadores.

O MEZ METEOROLOGICO

Julho, 1914

Barometro — Max. 768^{mm},6. em 7.

Min. 756^{mm},6. em 21.

Termometro — Max. 32°4. em 17.

Min. 13°0. em 7.

Houve apenas 5 dias de maximas superiores a 30°. Em 9 (30°3) — 16 (30°1) — 17-24 (30°9) e 31 (30°3) — Minimas fracas, sendo uma unica superior a 20°, em 17 (23°5).

Nebulosidade fraca — Ceu limpo ou pouco nublado 23 dias.
Ceu nublado 6 dias.
Ceu encoberto 2 dias.

Chuva — 2^{mm},2 em 3 dias (2-5-20).

Horas de sol — 383 horas em 31 dias, o que dá por dia 12^h,3.

Vento dominante — Dos quadrantes do N.

Talento e caracter são duas qualidades que raramente se encontram reunidas ao mesmo homem.

Theophilo Braga.

Exposição de Frutas dos Horticultores Portuenses

Alfredo Moreira da Silva & Filhos

Uma nova exposição de frutas e plantas ornamentaes, apresentam agora em Lisboa os srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, incançaveis horticultores portuenses que, desde 1895, veem realizando os maiores progressos em suas culturas, nos vastos viveiros de Grijó e Perosinho, como outros não ha no país.

Essa exposição tem, por estes dias, de certa inquietação, conseguido atrair uma boa parte do publico, ás salas da *Ilustração* onde se encontra instalada e onde o mesmo publico tem apreciado devidamente os belos frutos expostos, como que em jardim aprazível de plantas ornamentaes, não faltando exóticas palmeiras, *cycas revoluta*, *Livistona australis*, *Kontia Bolmoreana* etc., num conjunto de beleza, que são outras tantas amostras dos belos exemplares da casa dos srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos.

A exposição foi inaugurada no dia 2 do corrente, com a honrosa presença do presidente do governo, sr. dr. Bernardino Machado, recebido pelo sr. Albano Moreira da Silva, socio da casa expositora, e que expressamente veio a Lisboa para apresentar as magnificas frutas que ali se vêem.

E' grande a variedade de fru-

tas da estação, todas de magnifico aspecto, notabilizando-se especialmente as especies de ameixas, *Abriotee jaune*, *Altene*, *Coe's*, *Golden Drop*, *Decaisne*, *De Montfort*, *Jefferson*, *Washington*, *Victoria*, *Botan Satsuma*, *Barbank*, *Reine Claude Dorée*, *Chobot*, *Yosebe*, etc., as de maçãs, *S. João*, *De Seda*, *Gigante do Douro*, *Bravo de Es-molfe*, *Josephine*, *Ecarlate d'été*, as de peras, *Beau présente d'Artois*, *Beurré Goubault*, *Do-*

cteur Jules Guyot, *D. Joaquina*, *Pigaça de verão*, etc.

Algumas destas especies são introduzidas em Portugal pelos srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, que diga-se em verdade, tem empregado seus melhores esforços em desenvolver no país, tanto a pomicultura, como a floricultura e arboricultura, concorrendo quanto pódem para a riqueza da nossa agricultura, mercê do otimo torção português e clima temperado.

Já aqui insistimos, tratando da exposição dos srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, o ano passado, quanto era conveniente aperfeiçoar e desenvolver a cultura de frutas de mesa, como uma das grandes fontes de nossa exportação, desde que essa exportação se faça em condições de bem se apresentar nos mercados estrangeiros, exigentes, é verdade, mas que compensam.

Os belos frutos apresentados pelos srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, na exposição da Associação Central de Agricultura Portuguesa, no ano passado, mereceram os primeiros premios acrescidos de um diploma de honra pela maneira distinta com que os productos foram apresentados.

A exposição deste ano não desmerece das anteriores e confirma plenamente os credits adquiridos pelos distintos horticultores da rua do Triunfo, no Porto.

Congratulamo-nos. A. S.



EXPOSIÇÃO DE FRUTAS — VISITA DO SR. PRESIDENTE DO MINISTERIO
SRS. BERNARDINO MACHADO E ALBANO MOREIRA DA SILVA

TREVAS D'ALMA

Naquelle dia — apesar de annunciada conjunção lunar — o cerebro de Tullio estava menos enfermo do que outros reputados são.

Tres annos! Tres annos de cellula! E no hospicio todos lhe admiravam as luzes do talento erudito.

O enfermeiro apregoava a força da intelligencia de Tullio; não era mais do que um ecoamento do que diziam os medicos.

— Tullio pensa!... Tullio tem razão...

Mas era um recluso e todo o seu mal sempre fôra a melancholia.

Era imberbe quando o vi outrora.

Com os tempos, as barbas lhe escureceram o semblante, e a alegria emigrou, de vez, do seu corpo juvenil.

Tinha a obsessão do suicidio.

O zelo da vida fizera-se na retenção hospitalar.

Vendo-me, dissera apenas:

— Ha tres annos

E eu nada soube delettrar em resposta.

Como uma escápula do sitio feito pelo silencio, interpelei-o:

— Sentes-te melhor?

— Melhor?...

O seu semblante ganhou uma expressão rispida e austera.

Sim! Estás menos enfermo?

— Enfermo? Eu?... Nunca estive. A minha historia é outra. Eu sou apenas um triste.

E, como uma represa a que os diques se retiraram, o seu verbo desdobrou-se numa longa narrativa...

— «Todas as manhãs, sol nascido, eu via a pobresinha passar tristemente envolvida em seus farrapos e andrajos — farrapos de miseria e andrajos de fome — ma-

gra e desgrenhada, sem inclinação, de qualquer ordem, para viver alegre.

«Na sua miseria, porem, havia belleza — de alma e de corpo.

«A sua innocencia não lhe apresentára, ainda, a morte, como a amiga única que não engana ou trae...

«E ella, todos os dias, mal o campanario soava as matinas, lá se ia para as portas da capellinha, sacóla em punho, a implorar um obulo, que lhe mitigasse os desassocêgo do organismosinho afflicto pela fome.

«Alguns sempre lhe negavam.

«Mas, outros, outros muitos — e eu era um delles — davam-lhe a esmola costumada, e, a tristezinha, que tinha na alma um brazeiro a arder, sorria, gaguejadamente, como sóem fender-se as grandes paredes, atormentadas pelas chammas vivas e intensas de um incendio borrifado de agua.

«No seu sorriso, no entreabrir dos seus labios pequeninos e doídos, havia uma doce prece em agradecimento, no nome dos seus outros irmãosinhos.

«Na sua miseria, na sua fome, entretanto, havia belleza — de alma e de corpo...»

Tullio calou-se.

Os seus dedos enclavinharam-se como velhos amigos num abraço de novo encontro.

Aos meus ouvidos, o enfermeiro segredára:

— Elle vae contar.

Os meus labios eram de pedra.

Todo o meu corpo era um so ouvido para escutar a triste historia de Tullio.

— «Contemplo — proseguiu elle, com um olhar de alta crendença no que diz — contemplo, não sei bem porque, a entranhada

razão philosophica dum proverbio hindú:

«E preciso procurar a flor que desabrocha no silencio que se segue á tempestade, não antes...»

«No semblante de Luciasinha brilhavam sempre, a Saudade do que fôra e a Belleza do que era.

«Si todas as felicidades nascessem da Belleza, como ella havia de ser feliz!

«Pobre Luciasinha!

«Um dia, eu a olhava e soffria por identificação talvez, o que a pobresinha soffria... Fitando-a, puz-me a chamal-a e queria ouvir as suas meigas palavras, prolongadamente me narrando os seus inacabados soffrimentos...»

— «Que rio de caudalosas dores será esse que te cerca a alma minha Luciasinha?...»

«Ella me olhou tão ternamente, e, depois, sorrindo, deixou-me perceber a grande e nobre ingenuidade de seu espirito.

«Não havia comprehendido as minhas palavras, de tão ingenua que crescia...»

— «Tu soffres muito?»

«Perguntei-lhe, em seguida, para ouvir os seus labios esfolharem, como gottas de agua na aridez de um sólo secco, as phrases de sua mais intima tristeza...»

«— Ora!... Pensei que o moço me queria dar alguma coisa!...»

«E moveu os hombros afastando-se.

«Tudo que existe tem uma aristocracia: a da pobreza é a ingenuidade da crendça; a do homem é o futuro da abastança e do ouro; a da natureza, está no bello e no sensível; a minha...»

Tullio me olhou como um ditador que estava de minhas attenções...

— ... «a minha é o talento...»

«Retruquei á esmoleira:
 «— Sim: quero dar-te muito... Mas, tu soffres, tambem?
 «Eu queria ouvir dos labios da Luciasinha um verdadeiro poema de dor, cantado nas doçuras da sua voz de toutinegra, um poema de dor dito por uma alma nova, uma pobresinha que se agasalha no desamparo do que os outros chamam Destino.
 «Ella me olhava.
 «Estava pouco disposta a falar, e as suas respostas fugiam sempre de minhas interrogativas...
 «Os seus olhos embaciavam-se por força das minhas penas.
 «Eu sonhava com um mundo rico de pedras que têm dores, de arvores que, em familia, como disse Jules Renard, se abraçam e não deixam soffrer as mais fracas...
 «O meu lar era feito de rosas e arminhos.
 «Quando vim á realidade, pois, quizera que me falassem, constantemente de dores, de espinhos, de soffrimentos, de angustias, de martirios e de mortes, para contraste, para antithese...
 «Dize, minha Luciasinha, quem te quiz tanto mal?... quem te premiou a Belleza com tantas dores?
 «Ella me olhava sempre, e, sorrindo forçadamente, emballava-me com encantamentos de sua voz, que era de gorgeios deliciosos.
 «— Está bom!... Não me quer dar, vou-me embora...
 «— Espera, Luciasinha!... Tu tens uma mamansinha doce e amorosa?
 «— Não!... Tenho irmãos!
 «— E tua mãesinha?
 «— Morreu!... Está no ceu!...
 «Como consola essa illusão!
 «No ceu!
 «Felizes os que acreditam, os que têm fé, os que podem ser crentes e credulos!...
 «Quantas boccas condemnadas á sede e á fome, não se alimentarão com as orações e as preces!...
 «É a innocentinha cria a sua mamanan no ceu!...
 «Ah! Si eu pudesse crer nessa felicidade futura...
 «Como tu és simples e profunda, formosa Luciasinha?!...
 «Mas eu descreio de tudo...
 «Tenho a alma triste e só vivo para os sonhos alegres, quando tenho o meu lar de rosas e arminhos...
 «Na vida real, sou um desilludido, ou um descrente!
 «Eu só vi perder-se a ventura e nunca recebi os seus affagos...
 «Não cri em Luciasinha.
 «Mas prosegui animosamente:
 «— Tua mamanan está no ceu: era uma boa mamanan; estimava-te muito, não era assim, minha menina?
 «— Minha mamanan morreu; tinha eu nove annos, uma avósinha e cinco irmãosinhos...
 «Luciasinha, como eu, gostava de falar nos seus soffrimentos.
 «E os seus olhinhos marejavam-se de lagrimas, porque a pobresinha tinha uma alma
 «— É o teu papá?
 «— Ah! o moço não sabe! O meu papá saiu um mau... Diz sempre, e por toda a parte onde anda, e a quem lhe pergunta, que não tem filha... Elle, o meu papai...

«Vi a pequena perder toda a expansão de seu pensamento.
 «Senti o coração gelar-se-me.
 «Ambos ficamos silenciosos.
 «A menina chorava e eu vivia melhor naquelle instante, porque sentia dores, porque me cercava uma atmospherica densa de soffrimentos.
 «Havia de ser muito triste o poema da dor e eu queria ouvir-o.
 «— E tu o conheces, o teu papásinho?
 «— Sim! Vejo-o sempre, e quando lhe peço uma esmolinha, não para mim, mas para meus irmãosinhos, elle galhofa e diz para seus companheiros — «falam que essa é minha filha!» — E nada me dá...
 «— E teus irmãosinhos? são exactamente como tu?... Todos soffrem egualmente desse mau pai?...
 «— Não, senhor!... Cada um de nós tem seu pai, mas, o peor de todos é... é... o meu...
 «E as lagrimas transbordaram daquelle coraçãozinho, enquanto os olhos, lindas fontes de lagrimas, choravam, e eu os deixei chorar, porque o seu choro era um allivio para a minha alma...
 «Tudo aquillo era bom para o meu coração: soffrer, soffrer muito, soffrer como ella!...»

A physionomia de Tullio desabrochava um espectáculo de bem-estar.

Não queria pausar.

Sobre a sua frente, palida e espaçosa, aljofrou-se em bagas uma larga transpiração.

Cheguei a pensar que tanta palavra influiria no estado mental do enfermo, para o seu maior enfraquecimento.

Gostava de ouvir-o...

«— Tomei a mim uma responsabilidade... Era preciso que eu guiasse para a vida aquella creaturinha; eu sentia que iria amal-a muito, por isso mesmo que ella soffria o que eu nunca soffri...»

«— Todos têm pai — proseguia ella — e pai tão bom!...»

Eu, e meus irmãosinhos que temos tantos pais, cada um o seu, vivemos soffrendo com a avósinha...

«Sempre me interessou o que a ninguem prende.

«Si Luciasinha tivesse um pai bom, eu não a queria tanto.

«Hoje, como nunca, tenho um affecto novo: o de Luciasinha. «Luciasinha, porem, é o soffrimento.

«A sua vida fôra um martyrio.

«E ella morava num andar alto de uma rua estreita.

«Agora, tem um lar e um leito, numa

casa confortavel, numa rua larga, numa cidade culta...

«No lar — não se tem frio; mas, a fome pode, ás vezes, chegar.

«No leito — Luciasinha não sonha; mas, o somno da paz intima, ella ahi tem.

«Juntos olhamos para o ceu, e, alguma coisa, como os luars, nos prende á Terra.

«Descortinamos o caminho das esperanças que é o caminho de esmeraldas.

«Ella quiz morrer, quando lhe falei sobre a morte e lhe disse que era essa a companheira leal e unica, porque ainda me não havia traído.

«Luciasinha ama, como eu, a morte...

«E eu, só eu, leio o poema de soffrimento, educo a minha alma na crença — e não é que já tenho uma fé?! — de sua dor sem fim...

«E eu consagro o soffrimento.

«Infeliz creança!

«Nunca mais a vi!

«Ha tres annos que me furtaram della!

«Ha tres annos!»

Não me contive no silencio.

— E quem era essa creança? — perguntei-lhe eu com o pranto nos olhos e soluços na gorja.

— A minha razão — respondeu-me elle — a minha fugitiva razão.

Realmente, naquelle dia, o cerebro de Tullio, como um sepulchro branco que recebesse em cheio um raio de luz, estava menos enfermo do que outros reputados saos...

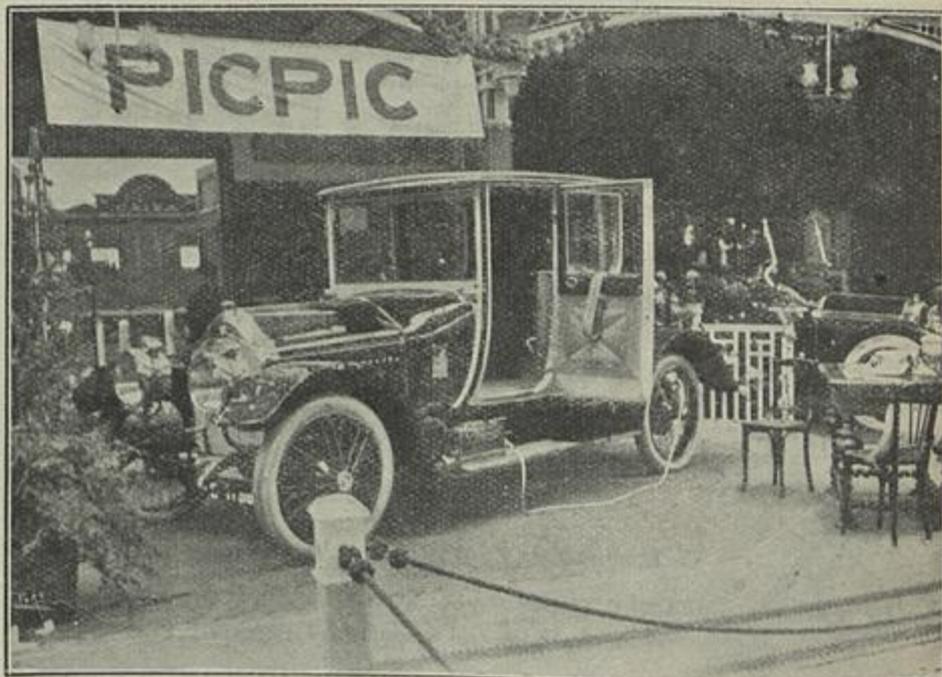
(1910).

ALMACHIO DINIZ.



Exposição Automobilista no Palacio de Cristal, do Porto

Voltamos hoje a falar da Exposição Automobilista no Palacio de Cristal, do Porto, a mais notavel que até ao presente se tem realisado no país, pois que tomaram parte nela muitas das



INSTALAÇÃO DO «PIC-PIC» GARAGE MODERNA DO SNR. VASCO JARDIM

principaes fabricas de automoveis, cujas marcas ficaram mencionadas em artigo publicado a paginas 209 e 210 do presente volume.

Menção muito especial, merece hoje a notavel marca Pic Pic, que ali teve sua instalação e de que é representante em Portugal o nosso presado amigo sr. Vasco Jardim, distintissimo sportman,

inteligente e activo, proprietario da *Garage Moderna*, da rua Actor Tasso, J. A. 3.

Na exposição a que nos estamos referindo, a instalação *Pic Pic*, era das mais distintas pela beleza dos automoveis que apresentava, que, como é já conhecido, são dos de maior andamento e de maior resistencia, a par de oferecerem todas as garantias e comodidades.

E' ainda na *Garage Moderna* do sr. Vasco Jardim, que se encontram os *camions* marca ARBENZ S. A. ALBISRIKENDEN, Zurich, os melhores vehiculos industriaes de transporte de mercadorias, applicados tanto ao movimento nas cidades como ao tráfego agricola dos campos, e cujas vantagens são já reconhecidas.

A introdução destes vehiculos no país deve-se tambem ao sr. Vasco Jardim, a utilidade dos quaes foi o primeiro a aproveitar-a, em Lisboa, a companhia inglesa de fornecimento de carnes congeladas THE LISBON FROZEN MEAT COMP. LIMT.

A Exposição Automobilista do Porto, veiu pôr mais em evidencia no país estas marcas de automoveis de que o sr. Vasco Jardim é representante em Portugal.



NECROLOGIA

Dr. Luis Gonzaga dos Reis Torgal

Dia 4 do corrente faleceu o dr. Reis Torgal, figura de destaque no fóro português e um dos mais distintos parlamentares do regimen deposto.

Todos conheciam o dr. Reis Torgal pelo seu talento e actividade postos ao serviço de varias empresas, bem como por seu caracter jovial e franco, que o tornavam simpatico e popular.

Dr. Luis Gonzaga dos Reis Torgal, formado em direito pela Universidade de Coimbra, nasceu na aldeia da Barroca, concelho de Fundão, a 18 de julho de 1852; filho de Gonzaga José dos Reis Torgal e de D. Maria Ana Roque Torgal. Concluindo a sua formatura em 1878, logo exerceu varios cargos administrativos, no Fundão; veio, em 1883, para Lisboa, dedicar-se á advocacia, onde por seus talentos principiou a conquistar simpatias e fama.

Na politica, militou no partido Constituinte de que era chefe Vaz Preto. Dissolvido este partido, pela morte do seu chefe, passou ao partido regenerador, em que occupou lugar de distincção como parlamentar.



DR. LUIZ GONZAGA DOS REIS TORGAL

O dr. Reis Torgal foi eleito deputado a primeira vez, em 1884, por Castelo Branco, sendo reeleito em legislaturas successivas, por Santarem e Ilha da Madeira.

Fez parte da comissão encarregada de estabelecer o novo regimen municipal de Lisboa, depois da lei da organização dos municipios autonomos. Representou Portugal no Congresso da Paz, em Roma. Fez parte da administração dos Caminhos de Ferro Portuguezes, e da Companhia do Gaz e Electricidade. Socio de varios institutos scientificos incluindo a Sociedade de Geografia de Lisboa, de que era presidente de uma de suas secções.

Fundou, em 1892, o jornal *Reforma*. Colaborou em varios jornaes de Lisboa e da provincia.

Publicou, em Coimbra, *O casamento á face da legislação romana*, e varios opusculos relativos a questões de que tratou como advogado

Sentimos maguadamente sua morte e a sua illustre familia enviamos nossas condolencias.

Officinas de Encadernação

Paulino Ferreira

Foram consideravelmente modificadas as importantes oficinas de encadernação do sr. Paulino Ferreira. Sabado, primeiro do mês decorrente, assistimos á sua inauguração e sem duvida o funcionamento comodo de todas aquelas maquinarias multiplas e scintilantes deu-nos a mais agradável das impressões e a convicção de que ainda pelo nosso restrito meio industrial apparecem de onde a onde esforços dignos de registro e estimulo. Crêmos que nestes ultimos dias muito teriam sido os visitantes das oficinas do sr. Paulino Ferreira e muitos teriam sido os admiradores da sua obra que representa um labor constante, indefesso, orientado com tino e proficiencia.

Instaladas na Rua Nova da Trindade, ninguém ginora que ali se teem realizado trabalhos magnificos, executados á perfeição, completos no acabamento, os melhores, talvez, no genero, que são efectuados em Portugal.

Inaugurando as suas novas oficinas, o sr. Paulino Ferreira realisou uma festa aonde concorreram varios dos seus amigos e admiradores, e agradecendo os brindes affectuosos que lhe dirigiram, teve occasião de afirmar bem alto que trabalhando pela sua industria, trabalha meritoriamente pela sua patria.

Apoiados.



PUBLICAÇÕES

Quadras, por Antonio Maria de Oliveira. Livraria Abrantes — Rua do Alecrim, 80, Lisboa. Vol de 100 pags. com uma capa ilustrada, desenho de Saavedra Machado. Quadras singelas, suaves, de um poeta novo, que as dedica ao povo simples e bom. O autor, nos seus despreziosos versos, mostra boa disposição para a poesia, tendo alguns de bastante sentimento, o que supre por vezes a menos certa metreficação. E' de esperar, porém, que seu estro inspirado, vá entrando na posse da sublime arte.

CASA DE PARIS

Rua da Assunção, 56 — LISBOA

Grande e variado sortimento de brinquedos, quinquilherias e artigos proprios para brindes 10 % de desconto aos clientes da casa Pires Marinho — PREÇO FIXO

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

GRAND PRIX-O Mator Premio da Exposição-LONDRES 1904

CONTRA A DEBILIDADE

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE

TESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS.

AVENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Premitido com medalhas de ouro, nas exposições: de Lisboa, 1888, Paris, 1889, Belem 1889, Anvers 1884, Londres 1904, Rio de Janeiro 1905, etc.

Petro Franco & C^a

Rua de Belem, 147 - LISBOA



Farinha Peitoral Ferruginosa da Farmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, e ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e privilegiado.

Petro Franco & C^a

DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA